

**Discurso de Abertura da Conferência Comemorativa dos Dez anos da Publicação
“Desafios para Moçambique” do Instituto de Estudos Sociais e Económicos
(IESE), Maputo, 19 – 20 de Setembro de 2019**

Salvador Forquilha

Director do IESE

**Senhoras e Senhores Representantes do Governo de
Moçambique,**

**Senhoras e Senhores Deputados da Assembleia da
República,**

Senhoras e Senhores Membros do Corpo Diplomático,

**Senhor representante dos Parceiros do Fundo Comum do
IESE,**

Caro Professor Carlos Nuno Castel-Branco,

Minhas caras e meus caros colegas do IESE,

Caras e caros painelistas,

Distintas e distintos convidados,

Minhas Senhoras e meus Senhores,

Permitam-me, antes de mais, em nome do Instituto de Estudos Sociais e Económicos (IESE) e em meu nome pessoal, saudar e agradecer a todas e todos os presentes por terem respondido favoravelmente ao nosso convite. Para o IESE é uma grande satisfação e honra tê-los connosco nesta nossa conferência comemorativa dos dez anos da publicação “Desafios para Moçambique”. Sejam todas e todos bem-vindos!

A publicação “Desafios para Moçambique” constitui um dos elementos fundamentais da estratégia de disseminação e valorização da pesquisa do IESE. Com efeito, ao longo dos dez anos da sua existência, “Desafios para Moçambique” tem procurado fazer a ponte entre a pesquisa científica, o debate e a intervenção social, com enfoque em políticas e opções de desenvolvimento do país, identificando e analisando diferentes desafios nas esferas política, económica, social e internacional.

A diversidade de temáticas e abordagens teórico-metodológicas, por um lado, e, por outro lado, a riqueza do debate suscitado ao longo das diferentes edições fizeram da publicação “Desafios para Moçambique” um dos veículos mais importantes da reflexão sobre questões de fundo ligadas ao desenvolvimento do país. Isso, aos poucos, permitiu que “Desafios para Moçambique” conquistasse diferentes tipos de audiências, nomeadamente investigadores, fazedores de políticas, homens de negócios, parceiros de

cooperação, estudantes e cidadãos simples, contribuindo para a materialização da Visão do IESE, plasmada no seu plano estratégico 2016 – 2025... e passo a citar:

“Uma sociedade intelectualmente avançada e politicamente consciente, crítica e pró-activa, capaz de articular o conhecimento, o pensamento, o debate e a contestação sobre as suas dinâmicas de desenvolvimento e transformação socioeconómica e política; uma sociedade capaz de identificar e enfrentar novos desafios e de se dimensionar no contexto da Africa Austral e do Mundo” fim da citação.

Excelências,

Minhas Senhoras, meus Senhores,

Ao iniciar a série “Desafios para Moçambique”, em 2010, o IESE fê-lo com a convicção da necessidade e importância de usar os resultados da pesquisa para pensar no país, com base em evidências, procurando, assim, dar o seu contributo para a construção de uma cidadania activa – pilar fundamental para o desenvolvimento de qualquer democracia digna desse nome. Por isso mesmo, ao longo dos dez anos, com base nos artigos publicados em cada edição, o IESE procurou, anualmente e de uma forma sistemática, promover debates pelas províncias do país

com a finalidade de levar para fora de Maputo o debate e o pensamento crítico sobre a realidade política, económica e social de Moçambique.

Ao longo dos dez anos, as diferentes edições do “Desafios para Moçambique” abordaram vários “desafios”, referentes ao processo de desenvolvimento político, económico e social de Moçambique. Não vou poder aqui passar em revista todos os desafios identificados e analisados nas diferentes edições. Permitam-me, no entanto, mencionar apenas dois que julgo ser fundamentais para o desenvolvimento demovimento de Moçambique.

O primeiro desafio refere-se à fragilidade do Estado. O conceito de fragilidade é complexo e a sua definição não é necessariamente consensual. A Organização para Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE) define a fragilidade a partir de cinco dimensões importantes, nomeadamente política, económica, ambiental, social e securitária. Com base nesse quadro de análise, a OCDE no seu relatório sobre estados de fragilidade, referente a 2018 considera que a situação de fragilidade em Moçambique, comparada com os dados do relatório de 2016, tem vindo a deteriorar-se, particularmente nas dimensões económica, ambiental e social. Sabemos de outras fontes, como por exemplo, o índice de democracia referente a 2018, que Moçambique também não se encontra numa posição confortável relativamente

ao desenvolvimento democrático, tendo passado de regime híbrido para regime autoritário.

O desafio da fragilidade do Estado, consubstanciada na deterioração da situação económica, social, securitária e política, não é... nem pode ser visto como uma maldição de alguma força externa ... Ela é, isso sim, o resultado das nossas opções como país ao longo dos anos. Nesse sentido, a fragilidade do Estado não é uma variável independente ou uma condição original... A fragilidade do Estado é uma variável dependente, cuja explicação passa (entre outros aspectos) pela análise e compreensão da maneira como funcionam as instituições e as normas sociais. Neste contexto, entender a fragilidade do Estado implica nos interrogarmos sobre como funcionam as nossas instituições? Mais do que isso, implica nos interrogarmos sobre como é que as nossas elites políticas e o cidadão comum imaginam e vivenciam as instituições? Como é que as nossas elites políticas e os cidadãos comuns se relacionam com as instituições? Em que medida as nossas elites políticas e o cidadão comum respeitam as instituições? As respostas a estas perguntas nos ajudam a entender não só as causas, como também as implicações da fragilidade do Estado no contexto do processo de desenvolvimento de Moçambique.

O segundo desafio, que gostaria de mencionar e que decorre do primeiro (fragilidade do Estado) e também, de alguma forma, é abordado nas diferentes edições do “Desafios para Moçambique”, ao longo dos anos, é a tendência para a institucionalização da violência em Moçambique. Com efeito, a história do processo político moçambicano, nos últimos cinquenta anos tem sido marcada por violência recorrente: a guerra anticolonial; a guerra civil; os sucessivos e recorrentes conflitos eleitorais e, muito recentemente, a violência armada em Cabo Delgado. O país tem estado a viver de violência em violência... Apesar dos discursos triunfalistas das elites políticas sobre a chamada paz efetiva e reconciliação, a realidade mostra que Moçambique ainda tem um longo caminho por percorrer, particularmente no que se refere à reconciliação. Na verdade, em nenhuma parte do mundo a reconciliação se faz de discursos... ela é feita de acções concretas do ponto de vista do processo de construção das instituições. Com efeito, enquanto as nossas instituições não forem um espelho da nossa heterogeneidade; enquanto as nossas instituições não tomarem em conta as nossas ricas diferenças na maneira de pensar, na maneira de olhar para o país; enquanto o funcionamento das nossas instituições não trazer benefícios para todos os moçambicanos, independentemente da crença religiosa, opinião política ou cor da pele; enquanto as nossas instituições

continuarem a servir interesses de grupos; enquanto as nossas instituições não promoverem a inclusão política, económica e social, dificilmente teremos soluções duradouras para a violência recorrente e o discurso da chamada paz efectiva e reconciliação será uma mera retórica.

Excelências,

Minhas Senhoras e meus Senhores,

Esta conferencia conta com 19 comunicações distribuídas por 7 painéis, que se debruçam sobre diferentes temáticas. Uma parte importante dos temas apresentados na conferencia fazem parte do livro “Desafios para Moçambique 2019”, a ser lançado ainda este ano.

A materialização da Publicação “Desafios para Moçambique” não teria sido possível sem o trabalho, a dedicação e o apoio de uma série de actores individuais e colectivos. Por isso, gostaria neste momento de agradecer e prestar homenagem a todos aqueles que, ao longo destes 10 anos, deram o seu contributo para que

“Desafios para Moçambique” fosse uma realidade. Em particular, quero agradecer:

- a) Aos membros da Assembleia Geral do IESE, pelo trabalho desenvolvido ao longo destes 10 anos;

- b) Aos colaboradores do IESE (os que passaram pela instituição e os que ainda estão na instituição e outros, que, infelizmente, já não se encontram no meio de nós). Muito obrigado pela dedicação e trabalho árduo, que desenvolveram ao longo destes 10 anos.

Quero igualmente agradecer:

- c) Aos parceiros do fundo comum do IESE, que desde o início acreditaram no nosso sonho, deram e continuam a dar todo o seu apoio, sem o qual ser-nos-ia difícil fazer funcionar o Instituto;

- d) Aos autores de diferentes instituições de pesquisa nacionais e estrangeiras, que ao longo dos dez anos contribuíram com o seu saber, as suas reflexões para que a publicação “Desafios para Moçambique conquistasse uma audiência tão variada”, muito obrigado pelo trabalho conjunto;

- e) À GAPI, à EuropCar eoa Montebelo Indy, muito obrigado pelo precioso apoio concedido para a realização desta conferência;
- f) Ao Professor Carlos Nuno Castel-Branco por ter respondido favoravelmente ao nosso convite para fazer a comunicação académica de abertura desta conferência;
- g) A todos os nossos concidadãos anónimos, espalhados pelo país inteiro, que admiram e valorizam o trabalho do IESE, muito obrigado pelo encorajamento.

Finalmente, quero agradecer a todas e todos os presentes por terem vindo participar nesta conferência e celebrar connosco os 10 anos da Publicação “Desafios para Moçambique”. Para nós, a sua presença é motivo de grande alegria e estímulo para continuarmos a manter vivo o sonho IESE. Sim, queremos continuar a manter vivo o sonho IESE e, através dele, o sonho de um Moçambique onde o conhecimento científico, as nossas diferenças, o debate de ideias, são valorizados e constituem pedra

angular para a construção de uma sociedade democrática, inclusiva e de justiça social.

Muito obrigado